

VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil

GT 6 – Informação, Educação e Trabalho
Comunicação oral

A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSITY LIBRARY AND TEACHING FORMATION

Rodrigo Silva Caxias de Sousa (PPGCOM/UFRGS, rodrigo_caxias@yahoo.com.br)

Resumo: O estudo buscou entender o uso da biblioteca modernizada pelas tecnologias da informação e comunicação como espaço pedagógico, averiguando a utilização de recursos eletrônicos de informação na formação de professores, contextualizada em três bibliotecas universitárias; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio Grande do Sul e a Universidade de Passo Fundo. As inter-relações entre cultura e educação, e a capacidade dos sujeitos entenderem e se adequarem à nova cultura emergente; através do ciberespaço e da virtualização de informações buscando compreender se os recursos eletrônicos de informação, são elementos potencializadores do papel didático-pedagógico da biblioteca, centrados na busca e recuperação de informações, parte embrionária do processo de pesquisa. Estas constatações implicam redimensionar, qualificar a instância “biblioteca” a fim de que possa se transformar em núcleo cultural, reflexivo, voltado, fundamentalmente, à formação dos sujeitos, tendo a pesquisa como eixo articulador dos processos político-pedagógicos.

Palavras-chave: Biblioteca universitária. Formação de professores. Pesquisa. Cultura da virtualidade. Tecnologias da informação e da comunicação.

Abstract: *This research tries to understand the use of the library, modernized by the technologies of information e communication, as a pedagogical space. Its aim is to investigate the use of electronic resources of information on teaching formation, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio Grande do Sul e a Universidade de Passo Fundo. It contemplates the inter-relationships between culture and education and the capacity of subjects to understand and to adequate themselves to the new emergent culture; through the cyberspace and of the virtualization of information trying to understand if the electronic resources of information, considering the implications of this same culture, are potential elements of rearrangement around the didactic-pedagogical role of the library, through the search and recuperation of information as embryonic part of the research process. These conclusions imply rearrange, qualify the instance “library” making it able to transform itself in a cultural nucleon, reflexive, turned fundamentally to the formation of subjects, having the research as the articulate axis of political-pedagogical processes.*

Keywords: *University library. Teaching formation. Research. Culture of virtuality. Technologies of information and communication.*

1 Introdução

Os papéis tradicionalmente desempenhados por diferentes unidades de informação, assim como as práticas que as caracterizam, têm sido redimensionados, na medida em que as tecnologias da informação e comunicação contribuem para o estabelecimento de uma nova cultura na sociedade.

Entretanto, quando se lança um olhar que a vincule à formação de professores, observa-se a ausência da biblioteca universitária como espaço de ensino-aprendizado, formalmente explicitada como alternativa didático-pedagógica nos currículos dos cursos. Em geral, ao ingressarem na universidade, são oferecidas oportunidades para os alunos aprenderem a lidar com o este espaço e seus recursos. Essas limitadas vivências aliadas aos impactos provenientes da utilização em larga escala das tecnologias da informação e comunicação possibilitam diferenciadas leituras sobre a inter-relação entre a educação, a cultura e a sociedade; bem como provocam mudanças substanciais nas perspectivas que podem ser adotadas quanto ao uso e à disseminação da informação nesses espaços.

Embora a cultura da virtualidade propicie que a biblioteca possa ser interpretada de outro ângulo, do qual a centralidade das informações não mais se vincula ao seu acervo, ainda assim essas ações educativas se configuram de forma bastante tímida.

Mas é preciso pensar que a biblioteca diante da cultura da virtualidade, ao se modificar em consequência das novas dinâmicas estabelecidas pelo uso indiscriminado das tecnologias da informação e comunicação, proporciona diversas descaracterizações e recompõem características que vinham sendo esterilizadas quanto ao seu caráter educativo.

Paradoxalmente, o ciberespaço e o universo de informações nele disponibilizadas, ao reestruturar a biblioteca universitária, a desqualificam como espaço central de acesso ao conhecimento. Em contrapartida, potencializa seu papel educativo se pensada como um ambiente de ensino-pesquisa através de recursos virtuais concatenados aos recursos impressos de informação e às atividades formais até então desenvolvidas exclusivamente em sala de aula.

Em que pese sua potencialidade, quanto à análise do uso; a busca e a recuperação de informações através dos recursos eletrônicos convencionalmente utilizados pelos bibliotecários em sua prática profissional diária é uma questão que permite vislumbrar um número significativo de implicações que tenham como cerne a formação de professores; questão essa que soa como perspectiva de aproximação entre pesquisa e ensino, tendo como elemento norteador a qualidade da informação recuperada; preocupação constante na atividade profissional dos bibliotecários e que pauta o estudo sistematizado que envolve o processo reflexivo que tipifica a produção de conhecimento científico.

Por outro lado, as concepções que bibliotecários e professores compartilham quanto à efetiva participação da biblioteca universitária como elemento fundamental ou complementar ao processo educativo permite esboçar o quanto esse espaço pode ser explorado, visto que sua potencial utilização remete a todo um ciclo produtivo no qual está envolta a pesquisa.

O desconhecimento que muitas vezes alunos e professores têm quanto às estratégias de busca, a estrutura da informação, aos mecanismos de recuperação da informação e as fontes mais adequadas, reforçam um grave problema que é bastante significativo e que necessita ser repensado quanto à formação do professor: a desvinculação entre pesquisa e ensino.

O estudo, através da perspectiva da Teoria Crítica da Educação, analisou em que medida os recursos eletrônicos selecionados e disponibilizados nas bibliotecas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio Grande do Sul e da Universidade de Passo Fundo são utilizados, para aproximação entre pesquisa e ensino, pelos professores e alunos de graduação dos cursos de pedagogia.

2 Referencial Teórico

A importância de avaliar a biblioteca enquanto espaço pedagógico à luz de atividades educativas de ensino, através da busca de informações em recursos eletrônicos de informação, está no fato de que essa avaliação venha a suscitar reflexões referentes à questões ainda não analisadas

por outros pesquisadores.

Da necessidade de uma melhor compreensão e problematização acerca da atividade de pesquisa em diferentes espaços educativos é que se imbrica a biblioteca universitária, como local de apreensão de conhecimentos através de instrumentos informáticos que servem como recurso de ensino, busca, recuperação e uso de informação.

No caso das universidades e, em particular das bibliotecas universitárias, a cultura da virtualidade produz uma agilização nas formas de recuperação da informação e possibilita uma maior aproximação entre ensino e pesquisa. Essa aproximação não ocorre de forma diretamente proporcional entre utilização dos recursos eletrônicos de informação e sua produção. Essas novas tecnologias da informação e comunicação encurtam a distância entre produtores e consumidores de conhecimento, potencializando a problemática da pesquisa como aprendizado e reforçando elementos que dizem respeito às ações dos educandos quanto ao seu saber adquirido e à sua prática de construção de saberes.

É necessário que se atente para o fato de que a biblioteca universitária e os conhecimentos próprios da formação dos bibliotecários podem ser imbricados à formação dos professores, através de novas práticas de aprendizado; levando em conta a riqueza pedagógica existente nas fontes de informação. Essa assertiva nos indica a necessidade de se criar uma atmosfera educacional articuladora da pesquisa e do ensino, no sentido de proporcionar condições para a vivência de uma educação onde os sujeitos sejam os condutores do seu processo formativo.

A educação não é um tema que se esgote em si mesmo. Ela só tem sentido quando contextualizada com base na cultura e na vida dos seres humanos. Como parte central na vida das sociedades, a educação, no contexto da sociedade denominada “do conhecimento” merece atenção especial quanto ao seu uso como mecanismo de liberdade ou de dominação. Nesse contexto, a formação de professores tem sofrido conseqüências das mudanças que caracterizam a sociedade informacional na medida em que se multiplicam através da chamada “cultura da virtualidade”. Essa cultura é produto das relações de dominação, onde se travam embates ideológicos que alicerçam as ações e teorizações educativas.

Entretanto é necessário questionar sobre a educação enquanto atividade inserida nessa suposta nova cultura midiática; tarefa que requer do observador um olhar perspicaz em torno da complexidade dos problemas pedagógicos e de suas variações conjunturais, na qual o processo educativo é parte integrante das culturas humanas e a educação pode desenvolver-se tanto como mecanismo de transmissão cultural quanto mecanismo de resistência cultural.

Atualmente, essa tarefa exige um cuidado redobrado, pois a cultura está, mais do que nunca, envolvida estrategicamente com os ditames econômicos da sociedade global. Ainda assim, não podemos garantir que a cultura da virtualidade se traduza em uma cultura global, no sentido de propiciar novas formas de construção e apreensão de conhecimento. As relações que o conceito de cultura comporta possibilita que se façam algumas inferências sobre a pluralidade de significados que são atribuídos a essa categoria social.

Mesmo nas instituições educacionais, a idéia de cultura tem sido constantemente pauperizada e simplificada. A formação cultural tem atuado como edificadora de padrões de consciência, não apenas através de uma imbricação entre comportamentos culturais e educação, mas, em grande parte, através de novas facetas da indústria cultural, que constrói uma imagem ideal de escola, de universidade, de sujeitos, de sociedade. Essa leitura, obrigatoriamente, requer que se questione em que medida as novas tecnologias da informação e da comunicação são pensadas como um dos instrumentos da indústria cultural na reprodução da ideologia dominante.

Cabe atentar aqui para o fato de que as práticas educativas trazem em suas dinâmicas os reflexos de uma sociedade constituída em classes sociais, marcada profundamente por diferenças socioeconômicas. No contexto a que se está submetido, condicionado e diante da sua complexidade, há a necessidade de se propor práticas educacionais reflexivas, críticas, emancipatórias.

Nessa ótica, a pesquisa emerge como princípio educativo capaz de questionar os processos sócio-educacionais e de, ao mesmo tempo, possibilitar a produção de novos conhecimentos, objetivando transformar a situação, o contexto em que se vive. Para isso, precisa-se incorporá-la nas

práticas cotidianas, nos currículos dos cursos de formação de professores e de bibliotecários, nos processos de formação continuada desenvolvidos tanto nas escolas quanto nas universidades e nas bibliotecas, objetivando construir leituras de mundo desalienadas, problematizadoras; leituras essas capazes de desvelar, de ler o contexto social, histórico, cultural, econômico, político e suas implicações no processo educacional.

Dito de outra forma a pesquisa é uma atividade dinâmica na qual o indivíduo se envolve integralmente. A construção do conhecimento que se efetiva através dela é a construção do próprio sujeito. Ela funciona como uma referência, onde o sujeito permite se ouvir, ser questionado e questionar a partir dos outros conhecimentos que incorpora. Ao sofrer metamorfoses constantes a pesquisa metamorfoseia o indivíduo que pesquisa. E nesse sentido ela transforma as concepções que os sujeitos têm a respeito de sua teoria e prática educativas, fazendo com que o observador possa se olhar através do que investiga e possa dialeticamente entender e questionar o olhar que adota sobre o objeto de pesquisa e o mundo.

Assim, é necessário que se implemente nos contextos de atuação profissional, seja na formação inicial, seja na continuada, nas bibliotecas das instituições de ensino de todos os níveis, de forma mais incisiva, a cultura da pesquisa, da investigação, criando, construindo caminhos críticos de entendimento e de intervenção acerca da atividade docente e da bibliotecária. Esse entendimento de pesquisa extrapola, portanto, a simples busca e recuperação de informações. A pesquisa aqui referida é capaz de movimentar o processo educacional, de modo a que se faça emancipatório, permitindo que os sujeitos elaborem seu conhecimento individual centrado na coletividade, partindo do contexto concreto de atuação profissional e cidadã. Concorde-se, desse modo com Demo (1999, p. 16-17) na idéia de que a pesquisa é

o processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como princípio educativo que é, na base de qualquer proposta emancipatória. Se educar é sobretudo motivar a criatividade do próprio educando, para que surja o novo mestre, jamais o discípulo, atitude de pesquisa é parte intrínseca. Pesquisar toma aí contornos muito próprios e desafiadores, a começar pelo reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe superar-se. O caminho emancipatório não pode vir de fora, imposto ou doado, mas será conquista de dentro, construção própria, para o que é mister lançar mão de todos os instrumentos de apoio: professor, material didático, equipamentos físicos, informação. Mas, no fundo ou é conquista, ou é domesticação.

Diversos autores têm analisado a questão da pesquisa como elemento crucial à prática e à formação do professor. Dentre eles, Lüdke (1997) discute a articulação entre pesquisa e prática pedagógica no trabalho docente, assim como a formação do professor-pesquisador e do pesquisador-professor. Na mesma linha, André (2001) propõe problematizações acerca das condições concretas para a produção de uma pesquisa do professor-pesquisador e sua integração com a prática pedagógica.

Quando se pensa na educação e nos conhecimentos produzidos a partir de novos temas forjados, produtos das contradições e das observações dos professores e de outros profissionais (os bibliotecários, por exemplo), a pesquisa constitui-se em papel fundamental na formação inicial e continuada, pois tão importante quanto elaborar conhecimentos nos diferentes contextos de atuação, precisa-se ter como prática formular questões acerca do aprendizado em construção, das correlações propiciadas pela atividade de pesquisa a fim de que se possa redimensionar constantemente a prática, a formação. Isso faz da pesquisa atividade que permite questionar as condições de atuação, precisa-se ter como prática formular questões do aprendizado em construção das correlações propiciadas pela atividade de pesquisa a fim de que se possa redimensionar constantemente a prática dos sujeitos, transcendendo a idéia que limita à ciência a produção de respostas circunstanciais ou, muitas vezes, utilitaristas.

No contexto da biblioteca, quando os sujeitos se apropriam de alguns saberes sobre o tema que pretendem investigar, a pesquisa bibliográfica novamente aparecerá. Surge, então, a necessidade de conhecer alguns mecanismos de recuperação da informação necessários no

empreendimento de construção do conhecimento. Essa busca e recuperação de informações pode ser entendida como uma das etapas do processo de pesquisa bibliográfica. Aqui os sujeitos podem ter um panorama geral sobre a problemática que estão se propondo estudar, assim como sobre a produção intelectual na qual está envolto seu objeto de estudo. Para Lopes (2002, p.61)

no âmbito da recuperação da informação, a estratégia de busca pode ser definida como uma técnica ou conjunto de regras para tornar possível o encontro entre uma pergunta formulada e a informação armazenada em uma base de dados. Isto significa que, a partir de um arquivo, um conjunto de itens que constituem a resposta de uma determinada pergunta será selecionado.

No processo de formação dos profissionais da educação e de outras áreas do saber, de pesquisadores, na formação continuada, conhecimentos sobre fontes de informação, estrutura e estratégias de busca podem ser incorporados aos currículos dos cursos. Isso pode desencadear processos de investigação, de pesquisa. A participação ativa e crítica dos usuários na biblioteca, desse modo, é de fundamental importância. Para Lopes (2002), os usuários precisam conhecer, detalhadamente, o processo de organização, de informatização da biblioteca. Ressalta o autor que assim “eles poderão participar ativamente das ações, compreendendo sua complexidade, as limitações das bases e as interações que devem ser efetuadas para o alcance dos resultados desejados da busca” (LOPES, 2002, p. 63).

Para isso, é preciso que a biblioteca seja compreendida não como depósito de livros, armazém de periódicos. É preciso, pois, entendê-la como espaço didático-pedagógico articulado às demais instâncias da instituição e aberta à comunidade.

Quanto ao papel da biblioteca no compartilhamento de conhecimento, significa dizer que o aluno possa ter autonomia suficiente para lidar com os recursos informacionais que hoje estão disponibilizados no ciberespaço. Busca-se então um novo sentido para que sua formação o capacite a adotar um olhar dialético, analítico, sistematizador, crítico; possibilitando que o educador tenha sua formação baseada a partir do entendimento sobre as construções teóricas com as quais venha compartilhar e divergir sua concepção de educação. Mas, além disso, que a biblioteca deixe de ser local depositário de informações para se tornar um ambiente de dinamização das formas de aprender, de disseminar, multiplicar e catalisar demandas de informação a partir das necessidades dos seus educandos. A concretização dessa proposta depende da concatenação de esforços coletivos na tentativa de aproximação entre dois campos do saber: a biblioteconomia e a educação.

É necessário, urgentemente, avaliar as implicações que as novas tecnologias imprimem no dia-a-dia das bibliotecas, pois, da mesma forma que as novas tecnologias da informação e comunicação podem contribuir para a condução de um processo educativo enriquecedor e formador de sujeitos autônomos, podem também auxiliar no empobrecimento e na perpetuação de uma cultura descompassada com as necessidades de mudanças educativo-culturais.

Como a biblioteca em meio ao processo educativo tem contribuído com muita parcimônia para um rompimento acerca de uma reificação¹ educativa, é fundamental que os professores, durante sua formação, possam utilizar a biblioteca universitária como mecanismo voltado à pesquisa; subsidiando a produção de conhecimento necessário no sentido de superar as deficiências de sua prática no ato educativo, atentando para a construção de uma auto-formação crítica e reflexiva centrada na pesquisa. O objetivo principal desta articulação é uma educação para a emancipação, cuja estruturação se encontra limitada por condições material e humana objetivas. Isso não impossibilita a tentativa de concretização e de alternância dessa realidade, tendo em vista que a biblioteca ainda deve ser identificada como alternativa de oposição e resistência quanto à esterilidade educacional, principalmente quando entendida como local de apreensão formal de saberes vinculados às fontes de informação e suas dinâmicas.

¹ Reificação é a falácia lógica que consiste em considerar as abstrações como se fossem realidades concretas. Esse conceito encontra-se presente na obra *Dialética do Esclarecimento*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer, e se refere ao processo de mercadologização (coisificação) das relações humanas e sociais a partir dos valores impostos pela indústria cultural.

3 Método

Com o intuito de mapear a realidade das universidades quanto ao tema proposto e selecionar as instituições e sujeitos envolvidos neste trabalho, realizou-se um estudo preliminar, no período de novembro de 2002 a janeiro de 2003, que consistiu no levantamento de informações acerca das universidades do Estado do Rio Grande do Sul quanto às suas dependências administrativas, suas características institucionais, estrutura das bibliotecas, serviços bibliotecários, recursos eletrônicos de informação disponibilizados e cursos de licenciatura existentes.

Para situar a presente pesquisa frente à formação de professores, efetivaram-se análises dos desenhos curriculares dos cursos de pedagogia da UFRGS, da PUCRS e da UPF, através das ementas das disciplinas dos cursos; buscando-se evidenciar em quais disciplinas a biblioteca aparecia como conteúdo de forma explícita.

A opção em trabalhar com bibliotecas universitárias de diferentes naturezas administrativas (pública-UFRGS, comunitária-UPF e privada-PUCRS) se efetivou em decorrência da busca de uma maior variedade de informações a fim de permitir a análise de diferentes realidades institucionais quanto ao papel da biblioteca como espaço didático-pedagógico nas instituições pesquisadas.

Desse modo, foram escolhidas três instituições, a UFRGS, a UPF e a PUCRS por reunirem características necessárias ao estudo, entre elas: quanto à diferente natureza administrativa; quanto aos recursos eletrônicos mais comumente utilizados pelos bibliotecários de referência semelhantes selecionados e disponibilizados nas bibliotecas; quanto à existência do curso de pedagogia como uma das alternativas voltadas à formação de professores.

No tocante aos recursos eletrônicos nas três instituições, foram selecionados seis instrumentos de recuperação de informações, quais sejam: os catálogos das bibliotecas, visto que todas trabalham com o sistema Aleph; o Scielo, a base de dados Eric; os *sites* da biblioteca da área de pedagogia disponibilizados nas *homepages* dessas bibliotecas; a Biblioteca Virtual de Educação do Prossiga e o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN).

Realizada a etapa da análise das ementas, optou-se por algumas decisões metodológicas, envolvendo, a princípio, a realização de uma pesquisa bibliográfica referente à temática em discussão. Concomitantemente, elaboraram-se três questionários que foram aplicados com diferentes sujeitos da pesquisa: alunos de graduação², professores e bibliotecários das três instituições. Desse modo, os sujeitos da pesquisa foram assim caracterizados:

a) 60 alunos de graduação do curso de pedagogia, assim distribuídos: 20 da UPF, 20 da UFRGS, 20 da PUCRS. Os primeiros 20 graduandos-alunos que responderam ao questionário são estudantes do sétimo semestre. Os outros 40 pertencem ao sexto semestre do referido curso das respectivas instituições.

b) 8 professores das três instituições (3 da UFRGS, 3 da PUCRS, 2 da UPF). Destes professores, 4 deles atuam na disciplina de “Pesquisa em Educação”; destes 4 quatro, 2 são da UPF, 1 da PUCRS e 1 da UFRGS. Os outros quatro profissionais foram escolhidos aleatoriamente: 2 da UFRGS e 2 da PUCRS.

c) 5 bibliotecários que atuam no serviço de referência das bibliotecas das três universidades selecionadas, distribuídos da seguinte forma: 2 da UFRGS, 2 da PUCRS e 1 da UPF. A escolha dos sujeitos da pesquisa levou em consideração a possibilidade de uma análise que auxiliasse a problematizar os diferentes olhares em torno do objeto de estudo desta pesquisa.

Quanto aos instrumentos de pesquisa aplicados aos sujeitos da pesquisa, esses foram assim organizados:

a) Questionário de avaliação – alunos de graduação. Neste primeiro instrumento de pesquisa, os sujeitos foram questionados quanto ao uso para a pesquisa de determinados recursos eletrônicos de informação e a sua concepção no que tange à biblioteca como local de aprendizado e formação profissional.

b) Questionário de avaliação – professores. Aplicado aos professores, verificou-se a utilização dos recursos eletrônicos mais utilizados por esses sujeitos no contexto do ensino. Buscou-se também identificar se estes entendem a biblioteca universitária como propícia à novas formas de

² Do total de alunos aos quais foi aplicado o questionário, todos eram do sexo feminino.

aprendizado, através da pesquisa e se ocupam este espaço e seus recursos para suas atividades de ensino;

c) Questionário de avaliação – bibliotecários. Neste último questionário, verificou-se se estes sujeitos entendem a biblioteca como espaço de ensino e se ela tem cumprido seu papel educativo. Baseado nas respostas dos sujeitos da pesquisa, foram avaliadas as concepções acerca da relação entre biblioteca e educação. Além disso, buscou-se compreender se as alunas de graduação usam os recursos eletrônicos de informação disponibilizados pela biblioteca, assim como se os professores pesquisados utilizam-na como espaço de ensino, através da busca e recuperação de informação nesses recursos.

A análise qualitativa da pesquisa possibilitou, conforme diz Minayo (1994, p. 22), trabalhar “com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Na análise dos dados, levaram-se em consideração as respostas dos sujeitos da pesquisa voltadas às categorias de: pesquisa, biblioteca, recursos eletrônicos de informação, currículo, formação de professores. As evidências encontradas permitiram propor um estudo que avaliou e refletiu sobre o grau de utilização dos recursos eletrônicos de informação e, ao mesmo tempo, trouxe elementos à compreensão, análise e interpretação das concepções que professores, alunos e bibliotecários possuem quanto ao papel didático-pedagógico da biblioteca e suas possibilidades tanto na produção do conhecimento (pesquisa) quanto na participação efetiva como espaço de ensino.

4 Análise e Discussão dos Dados

Na fase de interpretação, compreensão e análise dos dados, para efeito de organização, partiu-se, inicialmente, dos questionários aplicados às alunas de graduação. Logo em seguida, dedicou-se à interpretação e compreensão das falas e dos dados coletados junto aos professores. Por fim, teceram-se reflexões em torno dos dados obtidos através de questionários aplicados no contexto em que atuam os bibliotecários.

No que concerne aos alunos de graduação, o questionário constituiu-se de 15 questões. Ao questionar os sujeitos acerca do entendimento sobre pesquisa, a grande maioria delas apontou a produção de conhecimento como principal concepção. Dentre as 60 estudantes, 50 ratificam a idéia de pesquisa como construção/elaboração do conhecimento. A perspectiva anunciada acerca da concepção de pesquisa reafirma-se também nas respostas das alunas ao anunciarem a finalidade da utilização dos recursos eletrônicos. Conforme indicam as respostas, 29 utilizam os recursos como uma das possibilidades de pesquisa; 19, como ensino e pesquisa; as demais utilizam-nos na extensão, no ensino, na pesquisa e em trabalhos individuais. Isso revela que, mesmo sem orientação os recursos são utilizados muitas vezes, autonomamente pelas alunas. A pesquisa, portanto, na visão das alunas, configura-se como uma das alternativas de desenvolvimento no espaço da biblioteca, o que significa dizer, nas palavras de Freire (1996, p. 29) que

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade.

A perspectiva freireana de ensino-pesquisa é reafirmada por seis alunas ao anunciarem que a pesquisa é uma atividade também vinculada ao ensino. Compreender a pesquisa numa perspectiva mais ampla, conforme aponta a maior parte dos sujeitos, implica considerar a formação de professores intimamente vinculada ao ato de investigação, ato este entendido como eixo articulador do currículo dos cursos de formação. E para que seja esse espaço didático-pedagógico na construção do conhecimento, os sujeitos da pesquisa apontaram algumas sugestões necessárias à

sua qualificação, quais sejam: a) incentivar e estimular o uso formal da biblioteca, b) desenvolver aulas em interação com os recursos da biblioteca, c) acessar as diversas fontes de informação da biblioteca, d) melhorar o atendimento através da qualificação de funcionários, e) dispor de maior número de computadores, f) ordenar de forma mais simples o acervo, g) esclarecer a comunidade educativa sobre o funcionamento da biblioteca, h) disponibilizar maior tempo de estudo no espaço da biblioteca, i) tornar o espaço da biblioteca prazeroso na produção do conhecimento, j) qualificar o acervo, k) ampliar o espaço da biblioteca, l) incluir a biblioteca no currículo dos cursos de formação de professores.

As sugestões dadas pelas alunas possibilitam que se tenham algumas inferências tais como: a ausência de incentivo no uso desse espaço de formação, de aulas que envolvam recursos eletrônicos de informação disponibilizados pela biblioteca; o pouco uso de fontes de informação; a necessidade de melhor formação para os funcionários; a dificuldade de acesso aos recursos, obras, livros, periódicos. Também foi possível verificar que a biblioteca, em alguns casos, ainda permanece como um espaço não lúdico, sem vida, caracterizado como depósito de livros organizado através de sistemas pouco inteligíveis. De acordo com Silva (1999, p. 60):

Muitas vezes, a disposição das obras nas estantes segue mirabolantes códigos e símbolos que fogem à compreensão do aluno e do professor. Desorientado, confuso, perdido, o usuário fracassa na sua busca, posto que nem sempre há um profissional disponível para orientá-lo.

Para as alunas, a concepção de biblioteca varia entre dois conceitos. Dos 60 sujeitos pesquisados, 23 acreditam que a biblioteca é um recurso não necessariamente vinculado ao currículo dos cursos de pedagogia. Por sua vez, 37 afirmam que é um recurso didático vinculado a um determinado número de disciplinas. Isso demonstra que a grande maioria considera fundamental a discussão acerca da biblioteca ao longo do processo de formação, visto que este espaço continua muitas vezes sendo compreendido como através das rotinas de circulação de materiais. De acordo com Melwin Dewey apud (Silva, 1993, p.77)

Foi-se o tempo em que a biblioteca se parecia com um museu e o bibliotecário era um catador de ratos entre livros embolorados e os visitantes olhavam com olhos curiosos tomos e manuscritos antigos. Agora a biblioteca é como uma escola e o bibliotecário é, no mais alto sentido, um professor.

Quanto ao conhecimento dos recursos eletrônicos disponíveis na biblioteca, das 60 pesquisadas, 19 conhecem apenas os catálogos em linha das bibliotecas; outras 17, somente *sites* da *homepage*, enquanto 18 delas conhecem ambos os recursos. Os outros seis respondentes estão distribuídos na combinação dos demais recursos eletrônicos elencados.

No que concerne aos recursos utilizados em trabalhos acadêmicos pelas alunas de graduação, verificou-se que apenas oito delas se utilizam dos catálogos de bibliotecas, dez dos *sites* da *homepage* e 14 usam ambos os recursos. Os dados revelam que apesar de conhecerem muitos dos recursos, a maioria das alunas não costuma utilizá-los em suas atividades acadêmicas.

Ao serem questionadas quanto à utilização dos recursos eletrônicos sob a orientação de algum professor, percebeu-se que 39 alunas pesquisaram sem orientação; 15, sob a orientação de professores do curso de pedagogia; seis sob a orientação de professores de outro curso. Embora os professores explicitem a importância do espaço da biblioteca, evidencia-se que a relação ensino-pesquisa, nesse contexto, ainda continua distante. Isso também pode estar revelando o pouco conhecimento que tanto professores quanto alunos ainda têm acerca desses recursos, o que exige investimentos no processo de formação inicial e continuada e, ao mesmo tempo, a incorporação dos recursos eletrônicos de informação nos currículos dos cursos, materializados no cotidiano das práticas pedagógicas dos sujeitos.

A quase inexistência de aulas na biblioteca ficou comprovada pelas respostas das alunas ao indicarem que 21 raramente têm aulas nesse espaço, somados aos 39 que nunca tiveram aulas ministradas na biblioteca. Depreende-se desses dados que, embora concebam a biblioteca como

espaço de elaboração do conhecimento, concretamente, professores, alunos de graduação e bibliotecários mantêm uma relação não direcionada à produção coletiva do conhecimento.

Para aprender a consultar através dos recursos eletrônicos disponibilizados pela biblioteca, 27 alunas afirmaram buscar ajuda com um atendente de biblioteca; sete somente com o bibliotecário; cinco, com outra pessoa; seis, com bibliotecário e atendente de biblioteca; sete, com o atendente de biblioteca e outra pessoa; os outros oito distribuíram-se nas demais alternativas. Fica evidente, a partir da análise desses dados que os cursos de pedagogia ainda não incorporaram às suas práticas cotidianas conhecimentos básicos em torno dos recursos eletrônicos de informação. Revela-se também que o treinamento do usuário, em geral realizado no primeiro semestre do curso é insuficiente, no sentido de possibilitar a construção da autonomia de alunos de graduação, no que se refere, sobretudo, à utilização desses recursos.

Corroborando com os resultados que revelam que as alunas não têm freqüentemente aulas ministradas na biblioteca, é possível visualizar um panorama quanto ao uso dos recursos eletrônicos de informação. Apenas um aluno de uma das instituições respondeu ter sempre atividades de ensino-aprendizado voltadas à recuperação de informações em recursos eletrônicos. Vinte e quatro alunos do total das três instituições disseram ter tido, eventualmente, essas atividades acadêmicas e sendo que 35 responderam, categoricamente, que nunca haviam tido durante suas aulas atividades centradas em recursos de informação eletrônicos da biblioteca. Esses dados possibilitam inferir que a biblioteca continua não sendo espaço de ensino e que as facilidades e potencialidades advindas das tecnologias da informação e comunicação ainda não conseguiram auxiliar a engendrar uma nova cultura educativa a partir da biblioteca.

Procurando identificar o número de alunas que utilizam com facilidade ou não os catálogos de bibliotecas como fonte de pesquisa, verificou-se, que dos 60 sujeitos da pesquisa, 28 disseram utilizá-los com facilidade pelo fato de: a) o catálogo ser de fácil acesso, permitindo rapidez na pesquisa; b) buscar livros indicados pelos professores; c) fundamentar-se teoricamente; d) utilizá-lo como espaço significativo para a pesquisa. Os outros sujeitos – 32 – disseram não utilizá-los facilmente, justificando com as seguintes razões: a) dificuldade de encontrar o material bibliográfico nas estantes; b) alguns funcionários não acessíveis; c) bibliografia sempre indicada pelo professor; d) nomenclatura distante do entendimento.

Nas respostas dadas evidencia-se que ainda existe uma tradicional concepção de construção do conhecimento, principalmente quando o aluno busca na biblioteca apenas os materiais indicados pelo professor.

O Serviço de Comutação Bibliográfica (Comut) foi indicado por 53 das alunas como um dos recursos que elas desconhecem; cinco sabem mas nunca o utilizaram e apenas um revelou saber do que se trata e que efetivamente, o utilizou. Importa ressaltar que a dinâmica em que está envolvido o processo de comutação bibliográfica possibilita que o aluno entenda a dimensão de como se estruturam os recursos eletrônicos de informação, dissociando-o da relação do acervo bibliográfico, convencionalmente estruturado em bibliotecas.

No que tange ao lugar ocupado pela biblioteca nos currículos dos cursos de pedagogia, 38 das alunas de graduação afirmaram que esta deve ser um recurso didático vinculado a um determinado número de disciplinas. Em oposição 22 delas declararam que a biblioteca não é um recurso que deva estar vinculado ao currículo. Infere-se, com base nas respostas dadas, que a maioria das alunas entende a importância e a necessidade de vinculá-la à dinâmica dos cursos de formação.

Até o presente momento, analisaram-se informações oriundas dos questionários aplicados a alunos de graduação. A partir de agora, com base na sistematização do instrumento de pesquisa aplicado aos bibliotecários, buscar-se-á compreender o olhar que esses têm sobre o espaço da biblioteca. Dentre as questões a serem compreendidas, encontram-se aquelas voltadas ao significado de pesquisa, de biblioteca, da função do bibliotecário. Portanto, foram elencadas algumas reflexões em torno de contribuições que melhor esclarecem o objeto de estudo. Os bibliotecários quando questionados sobre a biblioteca como espaço de ensino, de maneira unânime, explicitam que a biblioteca deva ser entendida como local de ensino, através dos recursos didáticos

de que dispõe. Em uma das respostas, ressalta-se, existe uma forte idéia de que apenas alguns tipos de atividades seriam viáveis como interação do usuário com a biblioteca. Os resultados, em sua maioria, apontaram para a ausência de atividades acadêmicas de ensino-aprendizado por parte dos professores no espaço da biblioteca.

Versando sobre o entendimento do vocábulo “pesquisa”, dos cinco sujeitos questionados, dois a concebem como uma atividade vinculada ao ensino; um como uma atividade vinculada à pós-graduação; um como produção de conhecimento e um como atividade tanto ligada ao ensino quanto à pós-graduação e à produção do conhecimento. Com base nas respostas dos bibliotecários, pode-se inferir que a pesquisa apresenta diferentes dimensões, sendo compreendida ora como articulação ensino-pesquisa, ora como associação apenas à pós-graduação, ora como elaboração sistematizada do conhecimento científico, ora como eixo articulador da prática dos profissionais. Isso revela, de um lado, uma concepção ampla de pesquisa; de outro, uma concepção ainda restrita, ao ser associada, por exemplo, apenas ao ensino ou à pós-graduação.

Quanto à área de identificação da atuação dos bibliotecários, dois deles responderam que se identificam como profissionais unicamente vinculados às áreas de tecnologia da informação e da educação. Os outros três definiram-se como profissionais vinculados às áreas de educação, administração e tecnologias da informação ao mesmo tempo. Essas respostas apontam para uma concepção ampla da função do bibliotecário, o que se revela em uma das falas dos sujeitos da pesquisa ao afirmar:

“atualmente o bibliotecário exerce atividades ligadas à tecnologia da informação, tem um caráter educativo com relação aos seus usuários e também trabalha com a questão administrativa, principalmente com relação às tarefas e pessoal da biblioteca (Bibliotecário A)”.

Dessa forma, pode-se afirmar que o processo de identificação dos profissionais a uma determinada área de atuação estrutura-se muito mais pela relação de trabalho construída no cotidiano do que propriamente por uma identificação oriunda da formação profissional desses sujeitos, o que possibilita afirmar também que a formação dos bibliotecários não lhes permite visualizar e atribuir à biblioteca um caráter preponderantemente educativo.

Discorrendo sobre o treinamento dos usuários, fica evidente que, apesar de todos os bibliotecários afirmarem que as bibliotecas efetuam treinamento de usuário regularmente, duas das respostas indicam que esses treinamentos só ocorrem através de um pedido formal por parte de professores ou alunos. Confirma-se aí a posição adotada pela instituição, na qual os usuários devem se reportar à biblioteca no caso de querer aprender a utilizar os recursos de informação nela disponibilizados. Isto revela que, na relação biblioteca-usuário, aquela continua sendo pensada apenas como lugar em que os alunos de graduação buscam instrumentalização para sua formação por meio de diferentes recursos de informação. Como se percebe as respostas são indicativas de que, por mais que hajam esforços no sentido de a biblioteca ser um local de aprendizado, esse aprendizado não é concretamente vinculado ao trabalho do bibliotecário. Nesse sentido, é reforçada a idéia limitada de biblioteca como espaço disponibilizador de informações.

Organizando as respostas obtidas, encontraram-se no universo de cinco bibliotecários quatro entendendo o treinamento de usuário como uma atividade que não possibilita aos sujeitos uma relação de autonomia para consultar os recursos de informação disponíveis no contexto da biblioteca sem o auxílio de um profissional. Embora em uma das universidades não tenha havido resposta, é preciso entender que os treinamentos de usuário nas instituições pretendem, na maioria das vezes, instrumentalizar os sujeitos quanto à busca e à recuperação de informações, serviços e produtos. Esta questão do treinamento para o aluno de graduação é um elemento recorrente na visão dos bibliotecários. Conforme revelam os dados, o treinamento é basicamente direcionado para acadêmicos do primeiro semestre. Trechos transcritos a seguir ilustram afirmações feitas:

Em decorrência de ser calouro para melhor proveito no uso das ferramentas do SABI/ALEPH, bem como manuseio e uso do acervo (Bibliotecário A).

Todo o início de semestre é efetuado um treinamento dos recursos da biblioteca com os calouros da Universidade (com solicitação dos professores) visando uma melhor utilização e aproveitamento de todos s

serviços oferecidos pela biblioteca. (Bibliotecário B).

Para qualificá-los do uso de seus recursos e serviços para que utilizem de forma ampla o que a biblioteca dispõe (Bibliotecário C).

Necessidade de "mostrar" os recursos (Bibliotecário D).

As afirmações apontam para a necessidade de que sejam propiciados fluxos de informação e comunicação dinâmicos no âmbito não só da biblioteca como também das instituições, transformando esses espaços. Esses fluxos, por sua vez, estão diretamente articulados à prática da pesquisa enquanto eixo de permanente formação.

Verificando-se para quais recursos os bibliotecários encaminham com maior frequência as alunas dos cursos de pedagogia, identificou-se que um encaminha para o Scielo, o catálogo da biblioteca e sites da *homepage* da biblioteca, respectivamente; um, para o catálogo da biblioteca e setor de periódicos; um, para Eric, Scielo e catálogo da biblioteca. Houve uma ocorrência em que um quarto bibliotecário combinou diferentes alternativas de bases de dados Eric, Catálogo manual, sites da *homepage* e catálogo *on-line*.

Embora não se tratasse de uma questão aberta, ao lado da opção “Bases de dados Eric”, entre parênteses, este quarto sujeito da pesquisa escreveu a expressão “alunos de pós-graduação, não para alunos de graduação”, observando também, logo a seguir, que encaminhava os alunos para o catálogo “manual”, combinando-a também com a opção “sites da *homepage* da biblioteca”. Pode-se afirmar, desse modo, que, na concepção desse sujeito, a pesquisa nas bases de dados são recursos basicamente vinculados às atividades de pós-graduação. De outro modo, a resposta do quinto sujeito permite identificar uma segunda ocorrência na qual o bibliotecário se omitiu de marcar as questões objetivas, preferindo escrever ao lado da questão sua opinião, a seguir transcrita:

“Depende muito do que o usuário está procurando. Como nosso acervo é separado do setor de multimeios, normalmente, quando ele deseja fazer pesquisas em artigos, automaticamente ele se encaminha para as bases de dados, caso contrário, ele vem diretamente à procura de livros” (Bibliotecário A).

O fragmento transcrito permite perceber que existe uma notória compartimentalização do espaço da biblioteca, de tal forma que essa estrutura legitima o distanciamento entre bibliotecário e usuário, reforçando uma relação mecanizada e tecnificada.

A separação/setorialização e a tecnificação das atividades, produtos e serviços no contexto não só da biblioteca, mas também da educação, são veementemente criticadas por autores como Adorno (2000), Habermas (1994), Freire (1987), Morin (2001). Comentando a idéia de fragmentação, o último registra:

Nossa civilização e, por conseguinte, nosso ensino privilegiaram a separação em detrimento da ligação, e a análise em detrimento da síntese. Ligação e síntese continuam subdesenvolvidas. E isso porque a separação e a acumulação sem ligar os conhecimentos são privilegiadas em detrimento da organização que liga os conhecimentos. Como nosso modo de conhecimento desune os objetos entre si, precisamos conceber o que os une. Como ele isola os objetos do seu contexto natural e do conjunto do qual fazem parte, é uma necessidade cognitiva inserir um conhecimento particular em seu contexto e situá-lo em seu conjunto (MORIN, 2001, p. 24).

Referindo-se à utilização das bases de dados, quatro dos sujeitos apontaram que todos devem utilizar os recursos eletrônicos disponíveis no contexto da biblioteca. Apenas um dos bibliotecários declara que somente alunos e professores deveriam utilizá-los. Verifica-se que, em sua maioria, os bibliotecários reconhecem a importância das bases de dados como recursos eletrônicos de informação.

De outro modo, ao serem questionados sobre o papel da biblioteca na execução do projeto político-pedagógico da instituição, cada um deles apresentou diferentes alternativas: a) interação entre professores, núcleos e disciplinas para que possa oferecer recursos; b) suporte para a geração de conhecimento/orientação para questionamentos científicos; c) suporte (meio) para a plena

execução do Projeto Político-Pedagógico; d) disponibilização e divulgação do acervo; e) desenvolvimento de projetos realizados pela instituição. Com base nas respostas dadas pelos sujeitos, pode-se inferir que a biblioteca é vista meramente como meio que dá suporte às atividades acadêmicas desenvolvidas na instituição. Para superar essa visão restrita de biblioteca, tem-se de pensar em democratizar o ensino, a educação, assumindo a biblioteca como instância articulada à dinâmica de um processo educacional emancipatório, crítico, dialógico, ou seja, como escreve Araújo (1986, p. 106), “[...] a biblioteca [...] deve extrapolar o caráter conservador e armazenador da informação, passando a agir como um centro de aprendizagem dinâmica e participativa”.

Questionados sobre como a biblioteca deve ser concebida nos currículos dos cursos de pedagogia, três dos sujeitos apontaram que deva ser um recurso vinculado a determinado número de disciplinas, ao passo que os outros dois acreditam que deve ser um recurso não necessariamente vinculado ao currículo. Embora a biblioteca esteja presente na ementa de uma das disciplinas do curso de pedagogia de uma das universidades, evidencia-se que mesmo nessa instituição, ela, praticamente, não é local de ensino-aprendizado ao longo da formação inicial dos alunos de graduação, nem entendida como espaço didático-pedagógico na produção do conhecimento.

Para redimensionar e qualificar a biblioteca enquanto espaço educativo, os sujeitos da pesquisa sugeriram: a) “divulgar e disponibilizar informações/se isso acontece a eficácia é plena”; b) “divulgação do material e treinamento”; c) “espaço junto às coordenações/unidades para atividades extracurriculares”; d) “trabalho unificado com unidades”. Depreende-se, com base nessas sugestões, que existe uma visão limitante quanto ao papel da biblioteca. De um lado, continua sendo vista como um mero suporte nas sugestões “a” e “b”; de outro, já se aponta para articular este espaço à dinâmica interna da instituição, nas sugestões “c” e “d”. Compreender o espaço da biblioteca baseado nas contribuições de outros sujeitos da pesquisa – os professores – passa, a partir de então, a ser tarefa aprofundada tendo-se como referência a análise de oito questionários aplicados no desenvolvimento da investigação.

Quanto à utilização dos recursos eletrônicos de informação em suas atividades de pesquisa no processo ensino-aprendizado, apenas dois professores utilizam em suas pesquisas a base de dados Eric. No que se refere ao Scielo, nenhum dos professores das três instituições pesquisadas mencionou utilizá-lo para suas pesquisas. Isso indica, de certa forma, que esses recursos continuam sendo pouco explorados e, se não são utilizados pelos docentes, dificilmente eles indicarão para o uso dos alunos. Esse indicativo revela a necessidade de se implementar no contexto da biblioteca um processo voltado à formação dos sujeitos, no sentido de articular os recursos eletrônicos de informação à sua prática cotidiana, passando, dessa maneira, a dominar mecanismos de busca e recuperação da informação.

Ao referirem-se às atividades didáticas ministradas na biblioteca através desses recursos, metade dos professores revelou desenvolver atividades neste local, afirmando: “acho importante o contato do aluno com a biblioteca, para achar as informações”; “porque eles aprendem a explorar os múltiplos recursos que a biblioteca oferece”; “para vivenciar a prática de pesquisa/para ter um contato mais profundo com as novidades no campo teórico em educação/ contato mais próximo com o ‘corpo textual’ da produção”. A outra parcela (quatro professores) não previu essas atividades como parte de sua prática docente. Para a não-realização de atividades no contexto da biblioteca foram apresentadas as seguintes justificativas:

a) algumas vezes, mas pouco por que o tempo em sala de aula para discussão é limitado; b) porque os alunos com que trabalho já participaram de atividades cuja finalidade era apresentar os serviços de biblioteca oferecidos aos alunos da UPF e, além disso, porque o volume de conteúdos é grande, havendo pouco tempo disponível para isso; c) as atuais condições materiais não permitem esse tipo de iniciativa; f) direto pela rede; g) as buscas bibliográficas são feitas em grupo ou individualmente fora do horário de aula.

Embora, também de forma unânime, os professores entendam que a biblioteca deva ser utilizada como local de ensino-aprendizado, as respostas mostram que algumas ressalvas são feitas às atividades de ensino nas bibliotecas, revelando, assim, a necessidade de se repensar a estrutura da

biblioteca pelo fato de ainda permanecer na maioria das vezes, ilhada no contexto da dinâmica da instituição.

O entendimento que os professores têm acerca da atividade de pesquisa possibilita depreender que dos oito professores, três indicaram a pesquisa como produção de conhecimento; um considera esta uma atividade vinculada ao ensino; para outro a pesquisa é a conjunção de ensino, pós-graduação e a produção do conhecimento; um entende a pesquisa como a combinação de ensino, produção de conhecimento e consulta a informações bibliográficas; um concebe-a, sobretudo, como a justaposição de ensino, produção de conhecimento e prática docente; um concebe-a como a justaposição de ensino, pós-graduação, produção de conhecimento e prática docente e um, ainda, entende-a como “a descoberta do ser investigativo que somos e, como isso, se reflete no mundo do cotidiano”. Todas essas diferentes concepções acerca da pesquisa indicam a complexidade que a envolve; sua amplitude, que perpassa os diferentes níveis de ensino, e a impossibilidade de resumi-la a um conceito ou a uma instância educativa, mostrando que as alterações que a pesquisa engendra transcendem a relação educativa e se instauram na vida dos próprios indivíduos.

Também responderam, num total de sete dos oito professores, que a atividade de pesquisa na biblioteca é imprescindível para sua prática docente, enquanto apenas um dos professores entende que a pesquisa na biblioteca não interfere no andamento de sua prática. Isso revela a importância da pesquisa não só como busca e recuperação de informações, mas principalmente relacionada ao contexto de produção do conhecimento. Mais do que isso; é um dado relevante na medida em que os professores utilizam o processo de ensino também como processo de pesquisa, uma vez que, pela sua própria natureza, esse processo é indissociável. Lüdke (1997, p. 115) reforça a idéia de pesquisa na formação de professores com as seguintes palavras:

Seria altamente recomendável que [...] professores tivessem em sua formação oportunidades com contatos com pesquisas e pesquisadores, por intermédio de seus próprios professores, que não fossem meros repetidores de um saber acumulado e cristalizado, mas testemunhas vivas e participantes de um saber que se elabora e reelabora a cada momento, em toda parte.

A facilidade quanto à utilização do catálogo permite que se mencione o fato de que seis, de um total de oito professores utilizam com facilidade os catálogos da biblioteca da sua instituição em decorrência de serem “virtuais”, “acessíveis” e “atualizados”, não havendo “problemas”, sendo bastante práticos. No entanto, uma das justificativas aponta que essas buscas são feitas a partir dos “conhecimentos básicos” que esse professor tem acerca do catálogo da biblioteca. Ainda, desses 1 indicou que “quando tenho dúvidas os funcionários auxiliam”.

O professor que respondeu não utilizar com facilidade os catálogos justificou que o faz “de vez em quando porque tenho uma boa base em casa”. Essa resposta pode ser consequência de uma visão que se fecha em si mesma, podendo levar os professores a utilizar apenas os recursos que já conhecem e dominam. Também pode demonstrar um conceito limitado de biblioteca. Entretanto, numa perspectiva mais positiva essa resposta pode indicar que esse mesmo professor domina recursos de informação de tal forma que não seria necessário que o mesmo vá até a biblioteca para acessá-los.

A utilização do COMUT como uma das questões avaliadas indicou que apenas a metade dos professores costuma utilizar esse recurso como mecanismo de obtenção de materiais bibliográficos. Mesmo não tendo havido sequer uma ocorrência de desconhecimento desse serviço, pôde-se comprovar que esse recurso não é utilizado em larga escala, embora todos os sujeitos sejam tanto professores quanto pesquisadores nas instituições em que trabalham.

A solicitação dos professores de treinamento para aprender a lidar tanto com a consulta quanto com as informações bibliográficas permite explicitar que eles procuram os bibliotecários “quando têm dúvidas” ou quando “desconhecem o sistema”. Os que responderam não pedir treinamento assim respaldaram suas respostas: a) “solicito orientações eventualmente, quando necessário. No mais das vezes, movimento-me só e estímulo meus alunos a isso, por conta de

considerar essa atividade uma forma de exercício de autonomia”; b)“o básico eu mesmo domino”; c)“foge ao espaço de minha atuação docente”; d)“meu perfil é buscar sozinha. Quando não consigo, busco orientação específica”. Estas expressões anunciadas pelos sujeitos da pesquisa podem revelar uma relação ainda instrumental, utilitária entre professores e bibliotecários. Não se visualiza um processo de formação e de diálogo entre os usuários e os bibliotecários enquanto educadores. Uma observação pertinente refere-se à atitude do professor no que diz respeito ao auxílio a ser pedido. Entende-se que explicitamente os professores indicaram que, caso não se encontrem diante de situações problemáticas quanto à busca e à recuperação de informações, não pedirão um treinamento ao bibliotecário. Nota-se também que o treinamento, nesse caso, se confunde com um auxílio no momento de busca de informações. As negativas quanto à solicitação de treinamento indicam que um dos professores acredita ser suficiente dominar o “básico”. Dessa afirmativa pode-se conseqüentemente inferir que, se apenas o básico por ele é dominado, apenas o básico ele poderá transmitir. Se for correlacionada essa resposta à de outro professor, que entende que a solicitação foge ao espaço de sua atuação docente, pode-se questionar em que medida essas concepções não afastam a biblioteca da vida profissional dos docentes. Um abismo entre biblioteca e prática docente instaura-se, baseado na crença de que dominar o mínimo é suficiente para ensinar e que pedir treinamento é uma responsabilidade que não compete ao professor. Mas é possível ler positivamente o estímulo dado por um dos professores no sentido de fazer com que os alunos construam sua própria autonomia quanto às possíveis interações que os recursos da biblioteca podem possibilitar. Embora em uma das instituições, dois dos entrevistados tenham colocado, por escrito, ao lado das alternativas que a biblioteca deva ser vinculada a todas as disciplinas, na mesma instituição os outros três professores foram unânimes em suas assertivas acerca do fato de não entenderem a biblioteca como recurso necessariamente vinculado ao currículo.

Ao se referirem às sugestões para qualificar e dimensionar a atuação da biblioteca, os professores apontaram que esta deve ser, sobretudo, um local vinculado à leitura e à pesquisa. Para isso, necessita-se, segundo eles, de uma melhor capacitação dos profissionais que atuam na biblioteca, de uma maior disponibilidade de tempo por parte dos alunos, superando a cultura dos textos do semestre, bem como da conjugação de aspectos educativos e didáticos, preparando e incentivando os professores para utilizar e sugerir aos seus alunos novas formas de trabalhar o processo ensino-aprendizado.

5 Conclusões

As respostas explicitadas pelos sujeitos da pesquisa (alunas de graduação, bibliotecários e professores) revelam que a biblioteca continua sendo utilizada meramente como espaço de empréstimo e devolução de livros, ausentando-se de uma direta participação nas atividades de ensino e pesquisa.

Os bibliotecários, na maioria das vezes, continuam sendo meros atendentes; executores de rotinas instrumentalizadas que sanam dúvidas temporárias de professores e estudantes, por meio de uma relação ainda instrumental. Esses profissionais têm uma formação tecnicizada que não lhes permite identificarem-se explicitamente como partícipes de uma relação educativa. Entretanto, os bibliotecários entendem que a biblioteca possa ser espaço de aprendizado, embora não saibam apontar, explicitamente, alternativas para a viabilização desse propósito.

Também é possível que se afirme que a dinâmica educativa estabelecida entre biblioteca e usuários ainda é uma relação passiva, distanciada; onde se concebe que o usuário deva buscar a biblioteca para suprir suas demandas informacionais. No contexto em análise, elas se encontram, isoladas das preocupações pedagógicas construídas a partir da sala de aula, sendo poucos os professores que conseguem articular ensino-pesquisa-biblioteca.

Quando vão à biblioteca, os alunos de graduação, na maioria das vezes, seguem parâmetros convencionais e intuitivos de busca e de recuperação de informações, visto que a biblioteca, segundo esses sujeitos, é um espaço organizado de forma bastante complicada.

Além disso, existe a necessidade dos profissionais serem qualificados quanto ao seu papel educativo. Os alunos entendem a necessidade de explorar qualitativamente esse espaço e as

possibilidades oferecidas pelos recursos das bibliotecas universitárias.

Inclusa em um círculo vicioso, a biblioteca não faz parte, formalmente, das políticas públicas, dos projetos políticos-pedagógicos, dos currículos das disciplinas, dos planos de ensino, dos conteúdos.

Comprovou-se que a formação inicial de professores é uma atividade que subsidia uma limitada vivência quanto à pesquisa e a biblioteca universitária, o que acaba reforçando essa realidade, sendo um local de recuperação de informação e circulação de materiais para a execução dos trabalhos acadêmicos; distanciada da conjuntura e das preocupações epistemológicas inerentes aos principais temas e métodos de pesquisa em educação.

Foi possível evidenciar através desse estudo que além de serem muito pouco utilizados, os recursos eletrônicos de informação elencados, quase que ainda são desconhecidos da maioria dos usuários. Isto aponta para a necessidade de inserir nos currículos dos cursos de formação universitária de professores a temática de biblioteca.

O estudo ora desenvolvido corrobora as inquietações acerca da necessidade de que se pense o papel do bibliotecário além de mero mediador e disseminador de informações, concatenando sua prática profissional e seu arcabouço de conhecimentos a uma formação continuada; problematizadora quanto aos indivíduos e seus contextos.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANDRÉ, Marli. *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papirus, 2001.

ARAÚJO, A. SISBEC – uma proposta pedagógica. *Boletim ABDF Nova Série*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 106-110, abr./jun. 1986.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como ideologia*. Lisboa: Edições 70, 1994.

LOPES, Ilza Leite. Estratégia de busca na recuperação da informação: revisão da literatura. *Ciência da Informação*. Ago 2002, v. 31, n. 2, p. 60-71.

LÜDKE, Menga. O professor, seu saber e sua pesquisa. *Educação e sociedade*, Campinas, v.22, n.74. Abr. 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, E. T. da. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas, SP: Papirus, 1993.

SILVA, Waldeck Carneiro da. *Miséria da biblioteca escolar*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.